

CIDADE ESTRUTURAL

Invasores cercam Câmara Legislativa

Ricardo Mendes
Da equipe do Correio

Mais de mil invasores de terra pública e pessoas pobres que moram de aluguel cercaram ontem a Câmara Legislativa.

Ansiosos pela apreciação do veto do Executivo à Cidade Estrutural, eles ensaiaram uma batalha sob a coordenação dos chamados líderes comunitários. Apesar disso, não houve a votação.

Às 16h15, uma corrente humana cercou o prédio da Câmara. Exaltados, alguns manifestantes ameaçavam quebrar os automóveis estacionados nas proximidades.

O policiamento foi reforçado, mas o medo foi sentido pelos funcionários.

"Tomara que não quebrem meu carro", torcia Kátia Sartório, assessora da deputada Lúcia Carvalho (PT).

Barulho — O barulho do público, tanto do lado de fora quanto na galeria lotada, persuadiu os deputados a suspenderem a sessão.

Autor do projeto da Estrutural e auto-intitulado de *Deputado dos Inquilinos*, José Edmar (PSDB) saiu do prédio e foi acalmar as pessoas.

A confusão reinava no gramado diante do prédio. Bêbados, mães amamentando os filhos nos peitos magros, canto de hinos religiosos, sanfona tocando baião, vendedores ambulantes e palavras de ordem con-

tra o governador Cristovam Buarque.

Também havia manifestantes bem vestidos. Alguns, de vez em quando, interrompiam o protesto para falar no telefone celular.

"Essas pessoas não moram em invasão. Cadê a poeira no sapato?", observou o deputado César Lacerda (sem partido), que se diz a favor do veto.

Líderes — Apesar da confusão, as tarefas estavam bem distribuídas entre os líderes dos manifestantes.

Raimundo Nonato Aguiar, feirante, coordenava os gritos de protesto usando um alto-falante.

Pouco antes das 17h, cedeu o lugar para Joaquim Batista e Marlene Mendes, que comandam a Associação de Moradores da Estrutural.

Às 18h, Nonato reapareceu com outro carro de som, tocando uma versão adulterada do *jingle* da campanha eleitoral de Cristovam.

Na galeria, os gritos eram comandados por Francisco Piauí, presidente da Associação dos Inquilinos. Cartazes de Luiz Estevão (PP) e do senador Valmir Campelo (PTB) — derrotado por Cristovam nas eleições — foram exibidos.

Nonato, Piauí, Marlene e Joaquim também estavam à frente do protesto que os invasores protagonizaram terça-feira na Praça do Buriti com a ajuda de José Edmar.

"Essas pessoas não moram em invasão. Cadê a poeira no sapato?"

César Lacerda
deputado

Uma sessão bastante tensa

O veto não foi apreciado, mas a tensão protagonizada pelos manifestantes foi reproduzida em plenário pelos deputados. As discussões eram interrompidas a cada hora para que os líderes de bancada discutissem a conveniência de se incluir o tema na pauta de votação.

Em uma das reuniões, Marcos Arruda (PSDB) — contra o veto — exaltou-se e quase partiu para cima do presidente da Casa, Geraldo Magela (PSDB), que protelava a inclusão do assunto na pauta.

Oposição e governistas tinham dúvidas se deviam ou não votar o veto. Em parte, por insegurança quanto ao resultado da votação secreta. Mas também por temer a reação do público.

Presidente — Às 18h15, Magela interrompeu a sessão, a pedido de Tadeu Fillipelli (PP). O presidente decidiu que, até às 19h, o expediente ficaria suspenso para que oposição e situação se reunissem.

Reunidos na sala da liderança do PP, a oposição não chegava a um acordo. "Vocês estão com medo da rebelião?", perguntou um deles, sem ouvir resposta.

Às 18h47, o líder do PP, Luiz Estevão, disse aos colegas: "Ainda temos 10 minutos." Era o sinal de que ainda apostava no consenso entre os favoráveis à derrubada do veto.

Às 19h10, logo após a reabertura da sessão, Magela sentenciou: "O veto não está na pauta, e não tem data para ser votado".

Carlos Moura



Mais de mil pessoas acamparam no gramado em frente à Câmara, esperando a sessão que apreciaria o veto do governador

Roriz ensina o PP a votar

Luís Turiba
Da equipe do Correio

O ex-governador Joaquim Roriz voltou ao cenário político brasileiro terça-feira, um dia após o fim da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Grilagem da Câmara Legislativa.

Brindou a não inclusão do seu nome no relatório final da deputada Maria José Maninha (PT) num jantar na varanda da mansão do deputado distrital Luiz Estevão, no Lago Sul.

Este jantar está se tornando uma tradição da oposição. Acontece uma vez por mês. Desta vez tinha uma razão especial: dar as boas-vindas ao ex-cacique político do Partido Progressista (PP).

Durante cinco horas — das 19h até a meia-noite — Roriz conversou à vontade com 11 deputados distritais — nove do Partido Progressista (PP) e mais Odilon Aires, do PMDB, e Renato Rainha, do PL.

Jantar — No cardápio, rosbife malpassado, peixe à dorê, salada, batatas fritas, feijão e arroz com passas.

Vinho, uísque e água mineral para combater a seca de 40% de umidade relativa do ar.

O molho especial ficou por conta da tática que a oposição resolveu adotar para derrotar o veto do governo ao projeto da cidade Estrutural.

Entre um tapinha nas costas e um gole de uísque, Roriz contava suas experiências nos Estados Unidos, onde está aprendendo inglês. Ele volta para New Jersey no próximo mês.

Lá pelas tantas, o ex-governador, que durante cinco anos relutou em criar a Cidade Estrutural proposta pelo então deputado da oposição Geraldo Magela, se lembrou dos velhos tempos de ex-petista.

"O voto aberto é uma tradição que o PT nos ensinou," disse Roriz, segundo um de seus interlocutores no jantar.

Todos os presentes resolveram que vão votar contra o veto publicamente para evitar traições.

O ex-governador, como se sabe, foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores em Goiás.



Paulo Octávio (D) com Arruda: "Populista vê mil lotes como mil votos"